

PROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO



Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 256 — MONTIJO

DIRECTOR
RUY DE MENDONÇA

Carnaval

Estamos a poucos dias do Carnaval e, se não fosse o calendário marcar o dia 12, assinalando o Domingo de Entrudo, ele passaria despercebido à maioria dos nossos leitores.

Metido à força nas salas de bailes das colectividades ou associações. Encaminhado pela policia para as casas de espectáculos. Retirado da rua pela força do destino, o Rei Mono, terminou inglóriamente o seu reinado.

E' lugar comum falar-se na decadência do Carnaval. Vindo do paganismo, pela porta larga da tradição, chegou a nossos dias e tem atravessado a nossa existência em quebra crescente de entusiasmo.

Nunca apreciámos esta quadra do ano e, talvez por isso, nunca vibrámos e sentimos a esfuziante alegria que muitos dos nossos companheiros de infância sempre manifestaram nesta época.

Será por isso que também, nunca sofremos o mais leve desgosto, por esta lenta mas segura decadência, filha, talvez mais do que do desregramento de costumes e liberdade de movimentos, que com o progresso, todos, novos e velhos, vieram usufruir; do que propriamente das restrições policiais que o avisado bom senso veio impor.

A máscara que se afixava nos belos tempos de Entrudo, anda hoje todo o ano posta e, em boa verdade, os «assaltos», as «batalhas» e os «projecteis dirigidos», são dia a dia comentados na imprensa em grandes paragonas

Bons tempos! Saudosos tempos, em que o Carnaval era somente três dias...

Ruy de Mendonça

A PRAÇA DE TOUROS DE MONTIJO

Foi com verdadeira alegria que noticiámos no último número a aprovação definitiva do projecto da nova Praça de Touros de Montijo, feito pelo Architecto montijense Sr. Amadeu José dos Santos.

Sabemos agora com o que contamos e podemos congregar esforços no sentido de rapidamente se pôr em execução a obra.

Embora a Comissão esteja neste momento ainda, sem possibilidades de agir, porque lhe falta a comunicação oficial, não quisemos deixar de ouvir algumas palavras de um dos seus elementos mais dedicados e entusiastas, o Sr. Euclides Rosa Carneiro.

Assim, procurámos este conhecido «aficionado» montijense para que fizesse algumas declarações para o nosso jornal.

Prontamente o Sr. Euclides Rosa Carneiro se pôs à nossa disposição e satisfeito nos respondeu à primeira pergunta:

— Agora que o projecto da nova Praça de Touros está aprovado, que pensa fazer a Comissão?

— A Planta da Praça, ainda não chegou à Câmara Municipal, mas tão depressa chegue, a Comissão tenciona reunir a fim de deliberar o início dos trabalhos, que desejamos comecemos o mais rapidamente possível.

— Será uma realidade a conclusão da Praça, este ano ainda? — perguntámos com interesse.

— Faremos para isso todos os possíveis — retorquiu prontamente o nosso inter-

locutor e prosseguiu — mas será necessário a coadjuvação dos técnicos e muito especialmente o apoio moral e a ajuda material da população de Montijo. Contamos pois, com o bairrismo de todos os montijenses.

Pouco mais poderíamos inquirir, mas dado o entusiasmo e fé que anima todos os elementos da Comissão, não tivemos dúvida em afirmar por nossa parte, a certeza de que o Povo de Montijo vai corresponder inteiramente à dedicação e vontade que estes homens põem na execução dos trabalhos da nova Praça.

E foi com um sorriso de optimismo que nos despedimos satisfeitos.

Malhando em ferro frio

Gostaríamos de dizer alguma coisa de concreto sobre a projectada Casa da Criança de Montijo. Mas o certo é que, os dias, as semanas, os meses vão passando e, o ponto morto a que se chegou é desolador sintoma que nos coloca afinal na posição de podermos franca e lealmente dar a nossa opinião e fazer os comentários que o problema suscita.

Não se leve o caso à conta de tentar estabelecer

Missão e dignidade DO JORNAL DE PROVÍNCIA

Sem apoio económico sólido, tendo como estrutura a dedicação de meia dúzia de pessoas lutando com a etiqueta de amadorismo em sentido pejorativo, que já se transformou em lugar comum constitui o jornal de província uma manifestação de vitalidade e dinamismo das comunidades sociais de um país como o nosso, em que a centralização de todas as actividades se vai consolidando, cada vez mais, na capital.

Contra este estado de coisas reage o jornal provinciano, proclamando que não existe, só, a gente sonolenta da província: acarinha iniciativas, reclama abusos, põe em relevo as obras meritórias do Estado

e dos particulares, difunde notícias de ordem pessoal dos habitantes da região, dando-lhes a consciência de que constituem alguma coisa mais do que «uma multidão que se acotovela nas gares das estações».

Como veículo de cultura, propaga-se como pode: reproduz páginas de antologia: elucida acerca dos grandes

PELO

Dr. J. V. Mendes de Matos

vultos da humanidade; dá relevo, no seu noticiário a, conferências e recitais que passariam quase despercebidos na lufa-lufa do labutar quotidiano.

No que respeita aos chamados problemas regionais, trata-os e sente-os de forma plena, diferente da reportagem superficial do grande diário.

Este é o turista que passa; aquele é o homem que vive; o primeiro reproduz totogra-

(Continua na página 5)

A MODA



Um lindo e moderno conjunto, próprio para a estação fria que atravessamos. Apreciam as nossas leitoras a elegância e originalidade da manga do casaco.

O 1.º Aniversário de "A PROVÍNCIA"

Com o n.º 51, a sair em 1 de Março próximo, atinge «A PROVÍNCIA» o seu primeiro ano de vida.

Embora o facto não seja comemorado com festas ou pompas extraordinárias, não queremos deixar esta data em branco e, para a assinalar, editaremos um número extraordinário, sem no entanto para esse efeito soli-

citarmos publicidade especial.

Agradecemos todavia às firmas que desejando associar-se ao nosso aniversário queiram inserir publicidade nesse número, o favor de nos comunicarem pelo telefone 026467, ou directamente na redacção todos os dias úteis das 9,30 às 19,30 horas.

polémica sobre o assunto, trata-se quando muito de agitar o problema sem se pretender atingir pessoas ou comentar atitudes.

Queremos pôr esta reserva, antes de mais, para que se não tome a nuvem por Juno e se não venha de novo à estacada em defesa da dama ofendida.

Colocadas as coisas nestes termos, sentimos-nos mais à vontade para analisar o problema.

O facto de se pensar na realização de uma certa e determinada obra, implica necessariamente, a elaboração de um plano de trabalho e o imprescindível estudo dos prós e contras da sua execução e ainda o prévio cômputo das probabilidades financeiras do empreendimento.

Assim, a elaboração de um Estatuto a submeter à aprovação das entidades competentes, seria o primeiro passo a dar nesta tão momentosa e útil pretensão.

Os problemas de assistência, quer ela seja infantil e caracterizadamente so-

(Continua na página 2)

TODAS AS SEMANAS
«A PROVÍNCIA»
Distribui Dinheiro
pelos seus Leitores
Concorra ao
Concurso de Prognósticos

VIDA PROFISSIONAL

Medicos

Dr. Alcides Cunha

Montijo — Sarilhos Grandes

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.

R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes

Consultas todos os dias às 17 horas.
R. Machado Santos, 6-1.º
Telef. 026038 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11

Das 10 às 13 e das 15 às 18 h
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLINICA DENTÁRIA

Dentes artificiais e consertos

Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz

Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.ªs e 6.ªs feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr. F. Sepulveda da Fonseca

INTERNO DE PEDIATRIA
(Doenças das crianças) dos
Hospitais Civis de Lisboa
Passou a dar consultas todos
os dias às 8 e às 15 horas na
R. D. Estefânia, 81 r/c.
Telef. 51589 LISBOA

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale

Escritório: Praça da República, 45
MONTIJO

Dr. Raúl Elias Adão

Montijo — Telef. 026 252
Praça do Quebedo, 1 - r/c.
Telef. 2240 — Setúbal

Teado V. Ex.ª que efectuar
Seguros em qualquer ramo
não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 26 114

MONTIJO

Montijo dia a dia

Malhando em ferro frio

(Continuação da 1.ª página)

cial, quer seja de ordem médico-social, que se dirija a novos ou velhos, tem como decerto todos sabem, o control do Estado, por intermédio de repartições próprias.

Ora, a futura Casa da Criança de Montijo, não pode nem deve fugir à regra.

A situá-la, como se pretende (?) dentro de uma Associação de Socorros Mtuos, coloca-se a jovem instituição na alternativa de, ou não poder ser subsidiada oficialmente ou desligar-se e criar autonomia, com um estatuto próprio e com meios de subsistência a obter por intermédio de subsídios e cotizações, ou ainda outras fontes de receita a estudar e que neste caso seriam de fácil obtenção.

Mas pergunta-se?

Qual a extensão e valor humano que se pretende dar à instituição defensora das crianças montijenses?

Não sabemos, nem nunca ninguém o disse ainda.

E se não fosse a circunstância de parecermos intrometidos, iríamos bordar algumas considerações sobre o assunto.

Lactário, creche, jardim escola, pre-escolar e escola.

Uma Casa da Criança que comporte todas estas modalidades e ainda subsidiariamente, mantenha assistência médica e alimentar, seria quanto a nós, o tipo ideal e aquele que melhor serviria os interesses das próprias crianças e famílias.

Manter este tipo de Casas é difícil e senão quase impossível num meio como o nosso, em que seriam mais

os beneficiados do que os beneficiários.

Restringir a assistência a meia dúzia de crianças?

Restringir a assistência a certas idades?

Estas são perguntas que sempre nos bailam no cérebro de cada vez que falamos no assunto.

A Casa da Criança de Montijo, é vasto império de beleza e farto manancial de sugestões.

Deixando correr o espírito tanto se poderia idealizar que, preferimos quedar-nos por aqui, esperando paciência os factos concretos de que a Comissão logo que possa certamente nos enviará notícias.

«A Província» - N.º 49 - 9/2/1956

Branco & Irmãos, Limitada

Por escritura 14 de Maio de 1946, lavrada a fls. 73 e seguintes do respectivo livro n.º 325 do Cartório Notarial de Montijo, entre Jacinto Domingos Neto Branco, José Neto Branco e Raul Domingos Guerra Branco, foi constituída uma Sociedade Comercial por cotas de responsabilidade limitada que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes.

1.º A sociedade adopta a firma «Branco & Irmãos, Limitada», fica com a sua sede e domicilio nesta vila, e o seu estabelecimento nesta Rua João Pedro Iça.

2.º O seu objecto é o comércio de madeiras, ferragens e cimentos ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria que não dependa de autorização especial;

3.º A sua duração é por tempo indeterminado contando-se para todos os efeitos legais, o seu começo de hoje;

4.º O capital social é de 120.000\$00, já integralmente realizado e corresponde à soma das cotas dos sócios que são 40.000\$00 cada;

5.º Não são exigíveis prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer suprimimentos à Caixa Social, quando necessário nas condições que forem aprovadas em Assembleia Geral.

6.º É dispensada a autorização especial da sociedade para a cessão de todo ou em parte de uma cota a favor de um associado, bem como para a divisão de quotas por herdeiros ou representantes de sócios;

7.º A cessão de qualquer cota a estranhos, na todo ou em parte, fica dependente do expresso consentimento ou autorização da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência na aquisição. direito este que, não querendo ela exercê-lo pertencerá aos outros sócios individualmente, pelos quais se mais de um optar, será dividida a cota na proporção das que já possuírem;

§ Único.

O sócio que quizer alienar a sua cota assim o comunicará à Sociedade e aos restantes sócios, por carta registada, com aviso de re-

«A Província» - N.º 49 - 9/2/1956

SOCOR

Sociedade Transformadora de Cortiças, Limitada

Por escritura de 2 de Novembro de 1955 lavrada a fls. 8 v. e seguintes do respectivo livro n.º 3 B. do cartório Notarial de Montijo, foi aumentado o capital social da Sociedade Comercial por cotas de responsabilidade limitada, sob a denominação — Socor — Sociedade Transformadora de Cortiças, Limitada, pelo que foi alterado parcialmente o pacto social com referência aos artigos 4.º e 8.º, que passaram a ter a seguinte redacção.

4.º

O capital social é de 115.000\$00, está, inteiramente realizado, a dinheiro e nos diversos bens, valores e direitos sociais, conforme a escrituração, e corresponde à soma das quotas, que são: Uma de 25.000\$00, do sócio Victor Sancho Neves; outra de 25.000\$00, do sócio Manuel da Costa; outra de 25.000\$00 do sócio António dos Santos Costa; outra de 20.000\$00, do sócio José António Serpa Valentim; e outra

de 20.000\$00, do sócio Kenneth George Worsdell.

8.º

Todos os sócios são gerentes; e para representar a sociedade, em Juízo e fora dele activa e passivamente, e obrigá-la em todos os actos e contratos e assuntos de responsabilidade, inclusive, aceite de letras, levantamentos de dinheiro e assinaturas, em conjunto, de dois dos gerentes.

§ 1.º

Em actos de mero expediente bastará, contudo, a assinatura de um só dos gerentes.

§ 2.º

Os gerentes são dispensados de caução e terão ou não retribuição, conforme for resolvido em Assembleia Geral e constar da respectiva acta.

§ 3.º

Não pode a sociedade ser obrigada em letras de favor, fianças, avales, abonações, ou outros actos e documentos estranhos aos negócios sociais.

Montijo, 26 de Janeiro de 1956.

O Ajudante do Cartório,

Manuel Cipriano Rodrig. Futre

«A Província» - N.º 49 - 9/2/1956

SOCOR

Sociedade Transformadora de Cortiças, Limitada

Por escritura de 11 de Maio de 1955 lavrada a fls. 26 e seguintes do respectivo livro n.º 2 B. deste cartório, foi reforçado o capital e alterado o respectivo pacto social da sociedade — Socor — Sociedade Transformadora de Cortiças, Limitada passando os artigos 4.º e 8.º a pacto social alterado, os quais digo a ter a seguinte redacção.

4.º

O capital social é de 82.500\$00, está, inteiramente, realizado a dinheiro, e nos diversos bens, valores e direitos sociais, conforme a escrituração, e corresponde à soma das cotas que são: Uma de 25.000\$00, do sócio Victor Sancho Neves; outra de 25.000\$00, do sócio Manuel da Costa; outra de 25.000\$00, do sócio António dos Santos Costa; outra de 3.750\$00, do sócio José António de Serpa Valentim, e outra de 3.750\$00, do sócio Kenneth George Worsdell.

8.º

A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por uma gerência composta de 3 sócios, sem caução, mas com ou sem remuneração, conforme for resolvido em Assembleia Geral e constar da respectiva acta;

§ 1.º

Para que a sociedade se considere válidamente obrigada são necessárias as assinaturas, em conjunto, de 2 dos membros gerentes;

§ 2.º

Porém, em actos de mero expediente, bastará, apenas, a assinatura de um só gerente;

§ 3.º

É proibido, aos gerentes, obrigar a Sociedade em fianças, abonações, letras de favor e mais actos, contratos ou documentos estranhos aos negócios sociais;

§ 4.º

Ficam nomeados membros gerentes os sócios Victor Sancho Neves, Manuel da Costa e António dos Santos Costa. Que, com as alterações atrás mencionadas continua em seu pleno vigor o respectivo pacto social.

Montijo, 26 de Janeiro de 1956.

O Ajudante do Cartório,

Manuel Cipriano Rodrig. Futre

José Teodésio da Silva

(Herdeira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos

8-Rua Formosa 8-Telef. 026204

Montijo

Ocorrendo o falecimento ou interdição de qualquer sócio, os seus herdeiros ou representantes nomearão de entre si, um que a todos represente na sociedade sem o que não terão nela qualquer ingerência;

13.º

Nos casos omissos regularão as disposições legais aplicáveis.

Montijo, 26 de Janeiro de 1956.

O Ajudante do Cartório

(Manuel Cipriano R. Futre)

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 20 de Janeiro, o menino Jeminiano Rocha Andrade Couceiro, filho do nosso prezado assinante em Sarilhos Grandes, Sr. Jemeniano Andrade Couceiro, digno Presidente da Junta de Freguesia.

— Dia 6, a Sr.^a D. Elisa Pereira Cambolas, irmã do conceituado comerciante, Sr. Francisco Pereira Cambolas.

— Dia 8, o Sr. José António Crespo de Almeida, irmão do nosso prezado assinante, Sr. Francisco de Almeida.

— Dia 8, a nossa muito dedicada funcionária, Maria José da Silva Caixada.

— Dia 8, as meninas Constança Alves Leonor e Maria Arminda Cordeiro Fragateiro.

— Dia 9, o Sr. João Manuel Sabino da Cunha, nosso prezado assinante.

— Dia 10, o menino João Angelino Gouveia Pereira, filho do nosso dedicado assinante, Sr. João António Pereira.

— Dia 10, o Sr. José Maria Santos Silva, nosso dedicado assinante.

— Dia 10, o menino Alirio Gonçalves Catalim, filho do nosso prezado assinante, Sr. Alirio da Costa Catalim.

— Dia 11, a Sr.^a D.^a Maria Lucília Marques, irmã do nosso prezado assinante Sr. Manuel Marques Peixinho.

— Dia 11, o Sr. Cândido Rodrigues Cavaco, nosso dedicado assinante.

— Dia 11, o Sr. Francisco de Almeida, nosso prezado assinante.

— Dia 14, o Sr. José dos Santos Ferreira, nosso prezado assinante.

— Dia 12, a Sr.^a D.^a Gertrudes Eulália Garroa, esposa do nosso prezado assinante, Sr. Nicolau Madeira Soares.

— Dia 12, a menina Maria Manuela Pinto da Veiga Marques, filha do nosso prezado assinante, Sr. Francisco Pinto da Veiga Marques.

Falecimento

No passado dia 21 realizou-se para o cemitério do Alto de S. João a funeral de D. Maria de S. José, de 73 anos, professora aposentada, natural de Piedade (ilha do Pico).

A extinta exerceu o professorado durante 50 anos, nas ilhas do Pico, Faial e Terceira, e em Sarilhos Grandes (Montijo).

Visitas

Tivemos o prazer de receber a visita do nosso prezado amigo Sr. Luís Veiga Manique, sócio gerente da Firma Manique & Tavares Lda. de Lisboa, representantes exclusivos da maravilhosa meia ALPHEA, cuja venda está assegurada em Montijo pela conceituada firma Francisco Vicente Lucas.

Nascimento

Em Lisboa, deu à luz no dia 3 do corrente, uma robusta criança do sexo masculino a Ex.^{ma} Sr.^a D. Fernanda de Sousa, dedicada esposa do Ex.^{mo} Sr. Dr. Saul de Sousa, nosso prezado assinante e ilustre Pastor Evangélico da Igreja Presbiteriana de Montijo.

O nosso jornal apresenta sinceras felicitações aos felizes pais.

Os Comilões

Deste simpático Grupo recebemos honroso convite para assistir no próximo dia 12 ao almoço comemorativo do seu oitavo aniversário.

Também a Direcção do referido Grupo nos pede, para que tornemos público o seu profundo reconhecimento aos Srs. António dos Santos (Santinhos) e Armando Iça, respectivamente autores do Hino e Marcha dos COMILÕES e prestam desta forma homenagem às suas grades qualidades musicais e artísticas.

Por nossa parte, agradecemos a gentileza do convite e fazemos sinceros votos para que durante muitos e bons anos continuem alegremente a comemorar esta data.

Notícias da Semana

Tertúlia Tauromáquica de Montijo

Organizada por esta colectividade, realizou-se no passado Sábado, dia 4, uma interessante Festa, denominada «Noite Carnavalesca».

Nela fez a sua primeira apresentação oficial nesta vila, a Orquestra «Eldorado» (ex-Ribatejana) que deliciosa a assistência com um divertido e agradável repertório, o qual muito contribuiu para o animado Baile que se efectuou com a presença de muitas senhoras, algumas delas em elegantes «travestis» davam nota alegre no acolhedor ambiente das Festas da Tertúlia.

Reparo especial ao vocalista Ribeiro Vintém, que com a sua timbrada voz animou alguns números executados pela «Eldorado».

Num intervalo artístico, tivemos a surpresa de apreciar uma interessante parolha de «clowns», muito bem interpretados pelos distintos amadores Srs. Jaime Laranjeira e José Júlio Valério Rodrigues que encantaram a assistência com o seu à-vontade e muita graça.

Também abrilhantaram este intervalo os amadores, António Carlos, uma agradável voz de cançonetista com presença frente ao público e Moisés Soares, um bom barítono, mas cujo destreino é evidente, pelo que não podem brilhar todas as suas faculdades. Arlindo Silva e José Emídio muito bem, assim como o locutor Francisco Cacheirinha. Todos os artistas foram muito aplaudidos.

O Baile-Ceia prolongou-se pela noite fora, sempre com a mesma animação.

«A Província» agradece o convite que lhe foi dirigido e felicita a Tertúlia pela organização.

MISSA DE ANIVERSÁRIO por alma do Dr. Ricardo Ribeiro Espírito Santo Silva

Por iniciativa dos funcionários da Agência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, nesta vila, de que é Gerente o nosso prezado amigo Sr. Helder da Costa Veríssimo, celebrou-se no passado dia 2, pelas 12 15 horas na Igreja Matriz, Missa por alma do Dr. Ricardo Ribeiro Espírito Santo Silva, que foi ilustre e distinto Director e Administrador daquela muito conceituada Casa Bancária.

O Carnaval na S. F. 1.^o de Dezembro

A S. F. 1.^o D. leva a efeito nos 3 dias de Carnaval, um atraente programa de festejos que inclui além de três bailes nas noites de Domingo, Segunda e Terça, uma matinée infantil na 3.^a feira.

Abrihanta os referidos bailes os Conjuntos musicais REIS DA ALEGRIA e REIS DA PARÓDIA.

Musical Clube Alfredo Keil

Realizou-se na passada sexta-feira, dia 3, a Assembleia Geral Ordinária para apresentação de contas e eleição de novos Corpos Gerentes.

Estes ficaram constituídos, para a Gerência de 1956 como segue:

Assembleia Geral — Presidente: Dr. Fausto Eugénio Lopes de Neiva; Secretários: Manuel Cipriano Rodrigues Futre e Jofre José da Cruz.

Direcção — Presidente: Manuel Lino; Vice-Presidente: Domingos da Silva Santos; Secretário: Manuel da Silva Ramos; Tesoureiro: António Júlio Canarim; Vogais: Américo Ricardo da Luz Pinto e Diogo Nepomuceno Marques.

Conselho Fiscal — Presidente: José Pires Parreira; Secretário: Francisco Arroja Beatriz; Relator: Joaquim da Silva Sancho Barreira.

«A Província» felicita vivamente a nova direcção fazendo votos para uma gerência feliz.

«A Província» n.º 49 — 9/2/956

COMARCA DE MONTIJO

Anúncio

(1.^a publicação)

Pela 2.^a Secção de Processos do Tribunal Judicial da Comarca de Montijo, e nos autos de Acção Sumária, em execução de sentença, que José de Matos Júnior, casado, proprietário, residente na rua Júlio Diniz, n.º 21, da vila do Barreiro, move contra os executados Rita de Jesus, Ermelinda de Jesus, Joaquim José da Saúde, Manuel Joaquim Roque da Saúde e Maria José Roque da Saúde, todos residentes na vila do Barreiro, na rua Miguel Pais, n.ºs 62 a 66, foi requerida a adjudicação de parte do prédio que a seguir se identifica, pela importância de 90.000\$00 pelo referido exequente, podendo qualquer pessoa, finda a publicação do segundo anúncio, dentro do prazo de 30 dias, oferecer preço superior àquele.

PRÉDIO

Duas sextas partes indivisas de um prédio composto de rés-do-chão. 1.^o andar, águas furtadas e páteo, onde se encontra construída uma casa abarracada a pedra e cal, com 9 divisões, sito na Rua Miguel Pais, n.ºs 62, 64 e 66, da vila do Barreiro, inscrito na Matriz sob os art.ºs 587 e 588 e descrito na Conservatória do Seixal sob o n.º 658, a fls. 153 verso do livro B-2.

Montijo, 30 de Janeiro de 1956.

O Chefe de Secção,
Francisco António Faria

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
José Maria Pereira de Oliveira

Coisas que aconteceram... mas não deviam acontecer...

Apelamos para a consciência de todas as pessoas que, aproveitando-se da quadra carnavalesca, se entretêm brincando com os motoristas dos carros de aluguer da Praça de Montijo, fazendo chamadas falsas, pedindo a comparação de um táxi, num certo e determinado local, onde o motorista verifica depois, não estar ninguém, nem terem sido solicitados os seus serviços.

Ora, isto além de acarretar prejuízos de ordem económica, para os prestantes profissionais do volante, é demonstração de carácter baixo e falho dos mais elementares percetos de humana civilidade.

Os motoristas que dia a dia lutam pela vida, prestam-nos relevantes serviços nas horas de maior aflição, sempre prontos para acorrerem à primeira chamada, mas desta forma a manter-se a brincadeira vêm-se na necessidade de deixar de fazer serviços solicitados pelo telefone.

Assim pagará o justo pelo pecador, como se dizer-se, e será prejudicada a população, que utiliza os serviços de táxi em caso de emergência, pelo telefone.

Espera-se que o bom senso de cada um dos engraçados, comece a fazer sentir o peso da brincadeira nas suas consciências.

AGRADECIMENTOS

Virgínia Emília Gouveia Palpita

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por desconhecimento de moradas, vem por este meio agradecer profundamente reconhecida a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e a acompanharam à sua última morada.

Da mesma forma, manifesta o seu sincero reconhecimento, pela maneira desvelada e carinhosa como o Ex.^{mo} Sr. Dr. A. Ferreira da Trindade, seu médico assistente, a acompanhou durante a prolongada doença de que foi vítima.

Francisco Esperança da S. Nobre

Gertrudes Rosa Almeida, Maria José d'Almeida Alves e Francisco Esperança d'Almeida Nobre, vêm por este meio agradecer sensibilizados a todos que lhe manifestaram o seu pesar e os acompanharam neste doloroso transe.

Igualmente se agradece ao Conjunto Reis da Alegria a paralização dos serviços para que estavam contratados, em sinal de sentimento pela morte do pai do seu vocalista Francisco Esperança.

Ernesto José Gaspar Gouveia

Sua família vem por este meio agradecer muito reconhecida a todas as pessoas que se interessaram pela sua doença, bem como as que a acompanharam à sua derradeira morada e ainda às que enviaram condolências.

Declaração

Declaro eu, João Miranda Zabelo, que não me responsabilizo por qualquer dívida contraída por minha mulher Augusta Padela Dias.

Montijo, 1 de Fevereiro de 1956

A rogo de João Miranda Zabelo por não saber escrever

a) Manuel Freire Caria
(segue o reconhecimento)

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.^a-feira, 9 — *Diogo*
6.^a-feira, 10 — *Geraldes*
Sábado, 11 — *Montepio*
Domingo, 12 — *Moderna*
2.^a-feira, 13 — *Diogo*
3.^a-feira, 14 — *Geraldes*
4.^a-feira, 15 — *Montepio*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

Dias de semana, às 8,30 e 9 horas na Igreja Paroquial.

Domingo 12 — às 8 horas na Igreja da Misericórdia, às 9 horas no Afonsoeiro, às 10 e 11,30 horas na Igreja Paroquial, às 11,30 horas na Atalaia, às 18 horas na Igreja Paroquial.

Horário da Catequese: 3.^a feira (Projeções e Cânticos) às 10,30 e 15 horas, Domingos — Missa às 10 horas.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4-Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos às 21 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração às 21 horas.

No segundo domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor

Espectáculos

CINE POPULAR

Quinta-feira 9; (para adultos) um filme de acção «Asas do Gavião» e «Último Duelo».

Sábado 11; (para 13 anos) «Linha Branca» e «Os Três da Vida Airada».

Domingo 12; (para adultos) «Diamante do Marajá» um filme com Luís Sandrini.

Segunda-feira 13; Paqueta Rico em «A Moça do Cantaro» e «Yolanda, a Filha do Corsário Negro».

Terça-feira 14; duas farsas «Preso por um Fio» e «O Herói Sou Eu».

CINEMA 1.^o DEZEMBRO

Sábado 11; (para 13 anos) o famoso filme de espionagem com Douglas Fairbanks J.^o «O Segredo de Estado» e a lindíssima comédia de gargalhadas «Os Mais Felizes Anos da Sua Vida».

Domingo 12; (para 13 anos) a grande epopeia, lutas entre índios e Brancos, em Technicolor «Fúria Selvagem» e o grande filme cómico «Locutor Atómico».

2.^a-feira 13; (para adultos) uma comédia adorável com Charles Boyer e Louis Tordan «Maldita Primavera» e ainda o filme «Cantinflas Bombeiro Atómico».

3.^a-feira 14; (para 13 anos) o filme de super com Johny Weissmuller «O Tigre Woodoo» e ainda um colosso de gargalhadas «Um D. Quixote Moderno».

Compras e vendas

Vende-se

TERRENO para construção na estrada de Montijo perto do Samouco.

Nesta Redacção se informa.

HABITAÇÕES em óptimo local de Montijo, para construção de prédios, sendo 1 de gaveto, com 2 frentes. Informa-se na redacção deste jornal.

SANFER, L. DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.^o

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZENS DE RECOVAGEM

A SUINICULTURA

Nos Estados Unidos

Especial para «A Província» - Do College Station - Texas - U. S. A.

Dado que nas condições económicas actuais a produção de ninhadas numerosas é de fundamental importância o lavrador americano é aconselhado e instruído no sentido de seleccionar porcas que assegurem abundantes «colheitas» (como aqui se diz) de leitões.

Vários factores interessantes neste capítulo. Assim a idade da mãe influencia no sentido de que até aos cinco anos o número de filhos por ninhada aumenta gradualmente começando em seguida a declinar. O estado de carnes da porca importa igualmente; as fêmeas demasiadamente gordas produzem ninhadas menos numerosas.

Os estudos até agora efectuados têm mostrado que o cruzamento entre as diversas raças produz animais mais vigorosos mas não tem influência sobre o número dos leitões nascidos.

Também o varrasco tem responsabilidades no número de filhos produzidos. Há machos com qualidades para originar grandes ninhadas. Outros há que são desprovidos deste predicado quando não são do defeito de originarem escasso número de crias.

Nem todas as raças são igualmente prolíficas, sabe-o todo o Mundo. É ponto aceite que as raças compridas de carne dão maior número de filhos do que as caracterizadas por pequeno comprimento e tendência para «pôr» gordura.

Entrando com estes e outros factores em jogo o criador fica apto a orientar a sua «colheita» e a tirar partido das condições de que dispõe.

Porque é consideravelmente elevado o número de leitões mortos nos primeiros tempos de vida a atenção e cuidado do agricultor são constantemente convocadas. Diz uma espécie de mandamento dos serviços de extensão:

«O criador cuidadoso não deve esperar ter descanso na altura das partições porque sabe que o número de horas que gastar a tomar conta das suas porcas desde o momento da partição até às 48 horas de idade dos leitões é muito importante quando expresso em termos de juro».

Com efeito cerca de 20% da mortalidade observa-se nos primeiros três dias após

o nascimento. A maior parte das vítimas foram pisadas pela mãe — cerca de 15% segundo alguns estatistas.

É interessante notar que o uso de luvas de borracha para tratar dos animais à nascença — limpá-los, colo-

PELO
Dr. Ramiro Ferrão

cal-os perto da lampada de aquecimento etc. — se está generalizando como precaução contra a brucelose que pode ser transmitida aos mesmos por porcas atacadas desta doença.

A numeração dos animais faz-se nas orelhas no momento da nascença.

Aos dez dias os leitões começam a ser habituados aos seef-feeders ou alimentadores automáticos para começarem gradualmente a comer aquilo que aqui se chama creep ration. Esta é em geral constituída por milho, aveia, bagaço de soja ou linhaça, farinha de carne, mistura vitamínica e anti-biótica e sal num total de 16% de proteína.

Uma das perturbações mais grandemente temidas é a respeitante à anemia dos leitões que se observa frequentemente nas explorações em locais pouco amplos e demasiadamente limpos em que os animais não podem chafurdar na terra, e assim obter os sais de ferro necessários ao seu organismo e pouco abundantes ou inexistentes no leite materno.

Os lavradores que não utilizam rações completas do ponto de vista de minerais precavem-se contra este mal misturando uma libra de sulfato ferroso em dois quartos (1 quarto cerca de 1 litro) de água.

Em geral a castração dos machos efectua-se nos E. U. entre as duas e as quatro semanas de idade. Como já vimos não é costume castrarem-se as fêmeas porquanto sendo os animais abatidos aos 5-6 meses não há necessidade de tal. Morrem antes de atingirem a puberdade.

A vacinação faz-se em geral entre as quatro e as seis semanas. Em geral apenas contra a peste.

A desmama faz-se às 8 semanas apesar das novas ideias sobre o assunto actualmente existentes e que já revelámos aos nossos leitores.

A's 10 semanas faz-se a medicação contra lombrigas.

As porcas lactantes são alimentadas com alimentos concentrados muito ricos em proteína do seguinte tipo:

Farinha de carne, bagaço de soja ou outro, mistura vitamínica e mineral e sal.

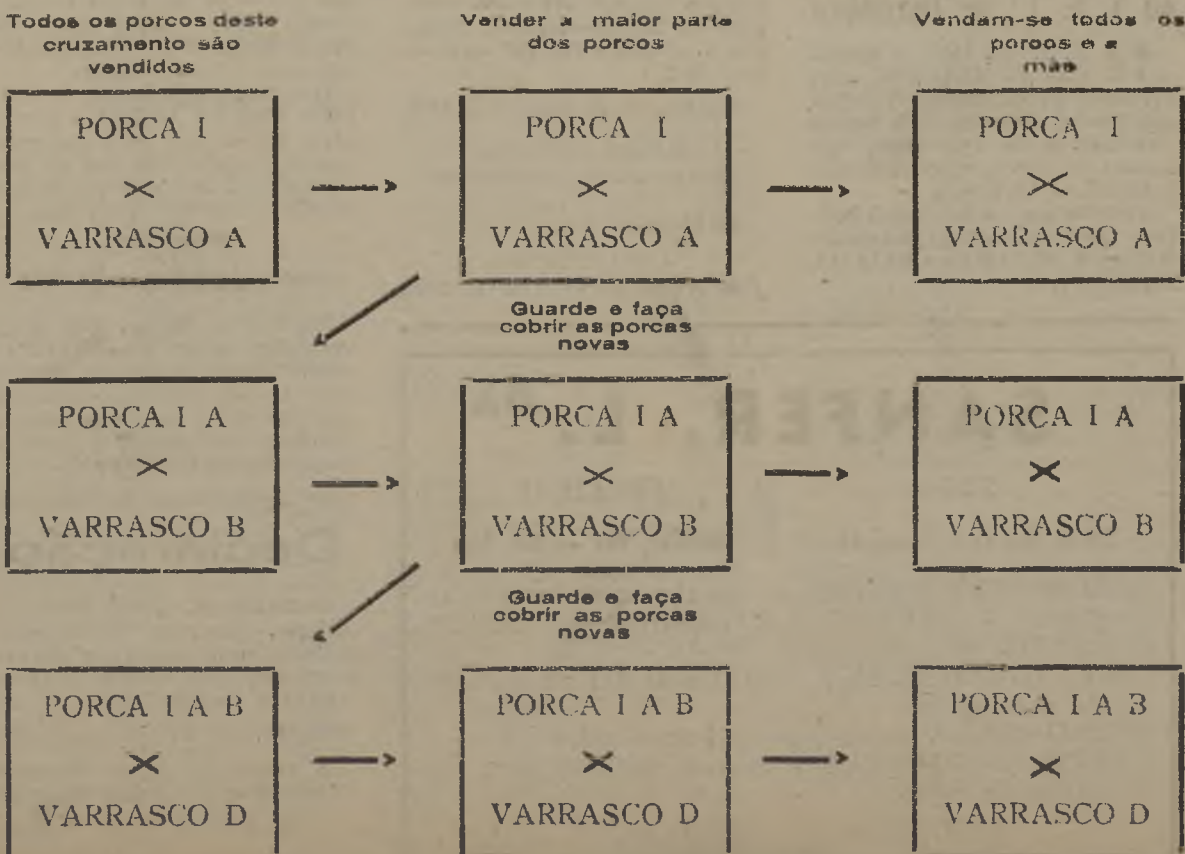
Grão (milho ou outro) à vontade e pastagem se a houver disponível

Embora um pouco tardiamente não se perde nada em falar do chamado esquema de rotação. Por este processo a porca é coberta três vezes pelo mesmo varrasco. Todos os porcos da primeira ninhada são vendidos. Algumas das melhores porcas da segunda ninhada são poupadas.

Todos os porcos da terceira ninhada são igualmente vendidos e a porca é o igualmente após estes últimos terem sido desmamaados.

As porcas jovens da segunda ninhada que são poupadas, são cobertas por três vezes pelo segundo varrasco. Assim se repete o ciclo sendo cada macho utilizado, de raça diferente.

Esquema de Rotação



MOBILOIL
O lubrificante dos campeões
AGENTES EXCLUSIVOS
Tamarca, L. da
Telef. 026152 MONTIJO

LIVROS E AUTORES

Secção de Crítica Literária às obras de que nos forem remetidos dois exemplares

O Aprendiz de Ladrão

(CONTOS)

Antunes da Silva

ORION-Editora

Estava eu como Chefe de Redacção da «Gazeta do Sul» havia poucos dias. Apalpava o terreno e remexia a papelada das gavetas. (Era a primeira vez que desempenhava aquele cargo e precisava de me orientar).

No meio da mexonada depararam-se-me uns originaes assinados por «Antunes da Silva».

—Quem será este sujeito? — perguntei «cá para dentro».

E comecei a ler com certa negligência a prosa.

A breve trecho senti-me interessado e concluí que se tratava de coisa diferente do comum retido.

Quem quer que fosse, o sujeito tinha chispa, tinha vocação, tinha valor, e viria a ser, se continuasse, Alguém nas letras portuguesas.

Lá na «casa» não simpatizavam muito com ele, não sei porquê. Eu, porém, senti ao contrário e, no uso da soberania que esse cargo me outorgava, entrei de publicar alguns desses originaes.

Depois, dei-me a estabelecer correspondência e a levar animação ao autor.

Não fui seu mestre, — sabia bem que o não podia ser —; mas fui, como hoje se diz na rádio, seu grande animador... e conselheiro, — vá lá.

Os anos passaram e cada um de nós foi à sua vida inglória.

Um belo dia apareceu-me o seu primeiro livro — «O Gaimirra».

A minha profecia realizara-se.

Antunes da Silva revelava-se o Alguém que eu predissera só para mim, e trazia às letras pátrias o fulgor do seu talento, numa esperança que passaria a certeza na

«Vila Adormecida» e no «Sam Jacinto».

Ele era o mesmo apaixonado de sempre pelo seu Alentejo.

Contista de garra e chispa, dava-nos o seu torrão em

POR
ÁLVARO VALENTE

magníficas aguarelas, mostrava-nos a sua gente de ganhões e malteses, as searas reluzentes, o folclore, os conflitos, os quadros sui generis, as personagens originaes, — toda a galeria desse rincão bem português que é orgulho da raça e viridência da grei.

Passaram mais anos ainda. O rodilhão separou-nos outra vez.

Quase me esquecera do escritor, neste vai vem que nos arrebatava as faculdades e nos deixa exaustos na precoce velhice.

Eis se não quando, quando menos o esperava, me surge «O Aprendiz de Ladrão», — outro livro de contos — com amável dedicatória e o pedido da minha crítica.

Ora eu fui sempre muito avesso à crítica das obras alheias, já porque não gosto de desagradar aos trabalhadores intelectuais da nossa terra, já porque não tolero o elogio mútuo, — o «eu digo bem de ti para que digas bem de mim, amanhã».

A crítica, em meu critério, deve ser uma função estruturalmente honesta, sincera, sem aspectos derrotistas mas fiel à Verdade, que não atraíção e o sentimento do crítico e não engane também quem a lê.

Estes conceitos nem sempre se podem cumprir à risca, todos o sabemos. Há casos especiais que obrigam o crítico a tergiversar, a torcer a lógica e o modo de julgar a Causa; e eu sinto que me faltam a disposição e a textura para o pôr em prática.

Por tudo isto, não posso, em consciência, criticar como penso em determinados casos, sob pena de me apresentar subserviente perante mim mesmo, — o que me degradaria aos próprios olhos.

No caso dos autos, porém, tal hipótese não tem lugar.

Antunes da Silva é um espírito desempoeirado, liberto de pragmáticas e de dogmas, e sabe que a minha crítica não traz preconcebidos despelos, nem intuitos de superioridades balofas.

Vai como eu a entendo, justamente:

— «O Aprendiz de Ladrão» é uma série de contos.

Isto de ser contista tem que se lhe diga. E' um dos

(Continua na página 5)

Temas históricos

O Processo dos Távoras

POR
MÁRIO MARTINS

Muito se tem dito acerca deste vulto da História de Portugal, que foi a Marquesa de Távora.

Tristemente célebre, de tudo aquilo que sobre ela se escreveu, chega-se á conclusão que o destino desamparou cruelmente esta linda mulher, quando já no outono da vida, de morte ignominiosa, morreu ás mãos dos carrascos, naquela manhã fria e triste de 13 de Janeiro de 1759.

Mas até na morte foi fidalga, nobre, activa, subindo com incrível energia, após uma confissão de cinquenta minutos, os degraus do cadafalso, demonstrando que aquela que fora vice-rainha da Índia não temia a morte.

Chamava-se D. Leonor de Távora, de uma dinastia de belezas, era esposa do Marquês de Távora e fora uma das mais lindas mulheres da corte de D. João V, espírito cultíssimo, a sua acção na Índia quando vice rainha foi dignificante.

A esta há a juntar a sua benemérita atitude, quando do Terramoto que destruiu a cidade em 1755, transformando o seu palácio do Campo Grande em hospital, do qual foi uma desvelada enfermeira.

D. Francisco de Assis, Marquês de Távora e um dos supliciados, fora vice-rei da Índia, cargo que desempenhou com assinalável brilho.

D. Luis e José Maria de Távora, o conde de Atouguia e Duque de Aveiro, juntamente com alguns criados deste último, eram os condenados.

A maioria dos historiadores que se ocupou deste nefando quadro do reinado de D. José I, é unânime imputando a Sebastião José de Carvalho e Melo, a responsabilidade destas mortes nas pessoas de tão illustres fidalgos.

E não é de admirar, se nos lembramos do predomínio exercido por este no animo do Rei.

Crê-se que o Marquês de Pombal podia ter evitado, se quisesse, esta horrível carnificina, que ficou como mancha indissolúvel na sua obra de estadista de incomensurável valor, sabendo-se no entanto, que o Rei foi intransigente no que dizia respeito aos Távoras, a quem atribuía as maiores responsabilidades no atentado que o vitimou, e do qual só a muito custo se restabeleceu.

Pombal, ao que consta, de ascendência obscura, não podia perdoar a ofensa feita pelos Távoras, que lhe fizeram sentir isso mesmo, não lhe facultando a frequência aos seus salões.

E que melhor maneira podia escolher para a sua vingança, que o aniquilamento total, da família que lhe fizera tão grande afronta? Coração duro, esta sua atitude bem o definiu.

Quais as causas que originaram este atentado contra a Augusta pessoa de Senhor Rei D. José I de Portugal? Várias circunstâncias, entre elas o descontentamento dos nobres pela preponderância do Conde de Oeiras na Corte, e ainda — esta era talvez a razão principal — desafrontar a honra da família Távora, que o Rei há muito enodoava, com os amores ilícitos que mantinha com D. Teresa Távora, a mais nova das filhas da Marquesa, e como não podia deixar de ser, de peregrina beleza, dama casada com D. Luis de Távora, o marido infamado, e que foi também supliciado, sem sequer se lhe permitir, como aos demais, a defesa no processo de que eram réus.

Pretendem porém, certos historiadores, não se destinar ao Rei este atentado, mas sim a um seu criado, Pedro

Missão e dignidade Do Jornal de Província

(Continuação da 1.ª página)

fias pitorescas; o segundo expõe anseios a aquele (o grande diário) aponta uma falta de maneira objectiva e mecânica; este grita-a, com a convicção de coisa que lhe diz respeito.

E faz tudo isto modestamente, em páginas de formato reduzido, sem alarde, ano após ano, a ponto de se integrar na vida de cada um dos seus leitores.

Não pretende, o que fica exposto, amesquinhar, com esta posição de planos, a missão da grande imprensa; seria, até, falta de bom senso e de sentido das realidades.

Pretende, apenas, sublinhar a importância do jornal de província, muitas vezes esquecida, não tanto por injustiça ou ingratidão, mas sim devido á rotina, no sentido de contacto permanente que insensibiliza pela normalidade.

Que cada um dos leitores do jornal de província o apoie e tenha na devida conta como património comum que constituiu, e se lembre que é fácil e cómodo criticar um jornal deste género; mas é difícil e incómodo fazê-lo e, ainda mais, mantê-lo ao nível da comunidade social de cujas aspirações é o porta-bandeira.

Teixeira, alcoviteiro, que insultou no Paço, o mordomo-mor, D. José de Mascarenhas, Duque de Aveiro, ofendendo-o na sua honra conjugal.

E embora D. José I tenha perseguido com propostas amorosas, D. Leonor de Távora, uma das três belezas da família, e esposa do Duque de Aveiro, esta, dama virtuosa, recusou categoricamente tão vexatórias e insistentes propostas.

Era, por isso, uma infâmia que o insolente criado lançava em rosto ao orgulhoso fidalgo, e este, não podendo, por suas próprias mãos castigá-lo, encarregou disso os seus criados.

Quiz o acaso que uma noite, quando o Rei regressava de umas horas passadas em casa de D. Teresa Távora, viajando na sege de Pedro Teixeira, disfarce que muitas vezes utilizava, esta fosse atingida por uma descarga de chumbo, que deixou sua Majestade gravemente ferido.

Sabendo-se culpado, o Rei, pensou que, logicamente os atacantes seriam os Távoras, a família deshonrada.

As desconfianças de El-rei se juntaram os ciúmes da Rainha, e ódio vesgo do 1.º Ministro, num «complot» terrível que deu origem ao sumário processo em que foram condenados a morte, sem remissão, alguns inocentes, e da maneira mais degradante

Os suspeitos foram torturados, afim de se lhes arrancar a confissão daquilo que não fizeram, o que seria apenas um pro-forma, a inscrever no processo em que todos estavam de antemão, condenados pelo Rei e pelo 1.º Ministro.

A sentença pronunciada algum tempo depois, abrangia, além dos nomes indigitados como cabecilhas, pasme-se, muitos fidalgos do Reino aparentados com os Távoras.

Por esta razão, viveu encarcerada no Mosteiro de Chelas, durante 18 anos, esse grande talento literário que foi a Marquesa de Alorna.

Salvas da forca, a amante do Rei foi parar ao recolhimento de Santos, a Duquesa de Aveiro ao Rato como criada das freiras, e a condessa de Atouguia a Sacavém.

Quanto aos supliciados, é preferível não recordar a maneira canibalesca como foram executados, publicamente, não se lhes poupando sequer a discriminação antecipada, num derradeiro alarde de crueldade, das torturas a que iriam ser submetidos, e das atrocidades que sofreriam os parentes, num desejo mórbido de ver

Na feira da vida

De quando em quando

Preâmbulo da Anedota

De vez em quando gosto de anotar cenas da vida e anedotisa-las em verso; umas reservo-as para os íntimos, as outras entrego-as ao bocejo dos meus leitores.

A de hoje ofereço-a aqueles que tiveram a tranquilidade de casarem com mulheres feias.

Incredulidade... e Decepção...

*Certa senhora casada
Que à beleza nada devia,*

*... Feia... desageitada...
Quis presumir um dia.*

*E para o marido que bem a conhecia -
Pela sua lealdade e honradez
Insinuava provocante:*

*— Qual cena de entremes
Ou do Mundo galante —*

*— Que um homem a seguia...
há mais de um mês... »*

*E o marido despreocupado
Comentou, sorrindo de malícia:*

*«Oh! Filha, tem cuidado,
Não seja algum polícia!... »*

Manuel Giraldes da Silva

O Aprendiz de Ladrão

(Continuação da página 4)

por Alvaro Valente

gêneros de literatura mais difíceis.

Há quatro ou cinco consagrados, e «viva o velho!»

Depois de Herculano, Trindade Coelho, Fialho, Eça, Araújo Correia, Camilo e Ferreira de Castro (estes dois talvez mais novelistas que contistas) põe-se a gente a olhar, a vasculhar e já pouco encontra para onde se volte.

Não é para brincadeiras, não, E' tal e qual, inda que mal comparado, como se dá com o soneto na poesia. O soneto é engulho, é tropeço, e só lá de tempos a tempos sai um perfeito. No entanto, é o que todos preferem: sonetar.

O conto é da mesma raça. Escrevem-se seis e aproveita-se metade dum. E, não obstante, todo o gentil escrevinhador lhe oferece a máxima preferência.

Antunes da Silva possui grande vantagem. Foi assim que começou e, por anos e anos, dedicou-se ao género com tenacidade, com persistência, com afincio, e venceu.

sofrer, tão característico da época.

A acreditar em qualquer das versões, sobre quais teria sido as causas do atentado, achamos que a pena foi por demais horrorosa, para que lhe possamos chamar justiça.

Por sua vez, o Marquês de Pombal, julgando desta forma apagar o nome da família odiada, só conseguiu sublimá-lo, tornando-o credor da compaixão vindoura.

O treino é também forte ajuda no marolço das letras. Foi esse o segredo da vitória, acompanhado pela vibração.

E' claro que se tem aperfeiçoado. Aqueia indecisão doutor transformou-se em pinceladas tensas, vigorosas, precisas, e delas resultam as aguarelas alentejanas dos seus contos.

Por vezes sai da sua província e deambula. Não sei porquê, mas já não parece ele. Falta-lhe a cor local, o ambiente. Parece outro. Até a prosa parece mais frouxa, o estilo menos impressivo.

A' força de nos cantar em vários tons o Alentejo onde nasceu e viveu, já nos sentimos integrados, lá vamos também de braço dado; e, quando de nós se aparta para seguir novos trilhos, fica-nos a triaga da ausência por amargura.

E deste modo, nos contos de agora, encontramos a forte personalidade, a inconfundível personalidade do autor profundamente vincada, quando nos lembra os traços antigos, e talvez imprecisos, na resolução dos conflitos, quando se queda por mundos diversos.

Em todos se nota, porém, a faceta humanista dos seus escritos. Ele sente o que escreve, escreve o que sente. Não fantasia com exagero, não enfeita de laçarotes espaventosos a sua prosa e vai à vida real e dura buscar a inspiração que o impulsiona.

Os «senões» (quem os não tem?), certas passagens um pouco à lisen, certa frouxidão

(Continua na página 7)

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

FUTEBOL EM ESCASSA QUANTIDADE

Montijo, 2 - «O Elvas», 2

Campo Luís de Almeida Fidalgo. Árbitro: Sr. Alfredo Louro, Lisboa.

Montijo: Redol; Anica, Barragon e Cacheirinha; Neto e Serralha; Raul, Fabregas, José Luís, José Paulo e Ernesto.

«O Elvas»: Verissimo; Romão, Oliveira e Conceição; Taular e Sousa; Costal, José Mário, Justino, Velasquez I e Valasquez II.

O retrocesso do nosso futebol será motivado pela falta de praticantes com natural aptidão para a prática deste desporto ou serão os treinadores os principais culpados?

Com as possibilidades presentes é justo que se exija mais e melhor e se assim não fosse nós não teríamos relutância nenhuma em elevar e elogiar o trabalho deste ou daquele.

O que não podemos nem queremos é esconder a verdade que muitos consideram de inelindre e falta de bairrismo. Ressalta à vista de qualquer espectador que os clubes no desejo de acumularem pontos se entregam à luta sem a menor consideração por aqueles que pagam e trabalham em prol da causa (o futebol). Nós gostamos de ver ganhar uma equipa que lhe assente bem o triunfo. Tácticas e mais tácticas para não perder e eis o futebol moderno.

O optimismo dos jogadores Montijenses que não têm a noção real daquilo que valem pode proporcionar espectáculos como este a que nós tivemos a desdita de assistir.

Os Montijenses principiaram a partida com um golo de Ernesto haviam decorridos poucos minutos. — Costuma dizer-se que principiaram da melhor forma mas neste jogo contra o que é costume a vantagem inicial prejudicou grandemente a equipa visitada. Entregaram-se ao prazer de esbanjar oportunidades umas após outras e quando as necessitavam já os neivos estavam alterados em demasia para poderem repor as coisas nos devidos lugares. Os Elvenses sem serem uma equipa capaz de impor uma superioridade por mérito próprio mas aproveitando as oportunidades de manobra que o adversário lhes oferecia assenhorearam-se do comando do jogo e passaram a ser a única equipa que nos oferecia alguns momentos de futebol pensado e quando terminou o primeiro tempo venciam por 2-1 resultado merecido por representar mais propriamente um castigo do que uma vantagem.

Para o segundo tempo os Elvenses regressaram dispostos a não ceder a vantagem e organizando-se bem na defesa com destaque para Oliveira, jogador experiente e sabedor ia contrariando o desejo

dos Montijenses que actuavam sem convicção e aos repelões.

Cantos consecutivos motivavam uma aglomeração de jogadores na grande area dos alentejanos que ao disputarem a bola em cachos proporcionavam choque e quedas de todas as espécies.

O Juiz da partida impávido e sereno assistia e consentia tudo.

Ao aproximar-se o fim Cacheirinha conseguiu com um golpe de cabeça o empate para a sua equipa, façanha que merece aplausos por já ter sido a segunda vez que o tenta e consegue. Já também muito próximo do fim o sr. arbitro chamou os jogadores de ambas as equipas avisando-os de que se cometessem mais alguma falta que os expulsaria. Em nossa opinião parece-nos que as arbitragens também andam em retrocesso.

Algumas bolas nas barras e pouco mais do que acima ficou dito foi muito pouco e insuficiente para contentar os menos exigentes.

José Canarim

COLUMBOFILIA

Sociedade Columbófila de Montijo

Lista de prémios oferecidos até esta data para a

CAMPANHA DE 1956

Abílio da Silva, uma taça; A. J. V., uma taça; J. C. Figueiredo Diniz, uma camisa de popeline; Casa das Vergas, um cesto em verga; Jacinto Levy Ramos Dias, uma garrafa de licor; José Félix Cabrita, 20\$00; António José Cepinha, uma artística moldura em metal; todos de Montijo. Casa de Bicicletas, Caninhas (Atalaia), um par de pedais; Adelino Figueiredo (Atalaia), um garrafão de licor super fino.

Todos estes prémios são para provas a designar.

A Sociedade Columbófila de Montijo comunica a realização das seguintes provas de treino:

Bombel, 42 Kl. em 12/2/1956; Casa Branca, 68 Kl. em 19/2/1956; Grandola, 70 Kl. em 26/2/1956; Funcheira, 98 Kl. em 3/3/1956.

Preço 1\$00 cada pombo. Entregas: Na véspera, das 17 às 19 horas.

Basquetebol

Alguns Comentários acerca do V Portugal - Espanha

Depois de termos assistido a este jogo disputado no Pavilhão dos Desportos, no passado sábado dia 4, ficámos com a plena convicção de que o Basquete no nosso País é uma modalidade em franco progresso. Se observarmos os resultados anteriormente obtidos pelas duas equipas, verificámos vantagem nitida e manifesta da equipa do País vizinho, o que não sucedeu desta vez.

O resultado final de 70-55, favorável à Espanha e a diferença no marcador será a resultante lógica do adiantamento que a Espanha nos leva nos processos técnicos, táctico e físicos empregados na preparação dos seus jogadores. E isto obtem-se com o grande desenvolvimento da modalidade e com o contacto internacional contínuo, precisamente o que falta em maior número a Portugal.

Mas passemos à apreciação do jogo e dos dois «cincos».

Portugal começou o jogo com Almeida, Fonte Santa, Vaz e Ascenso, todos do Sporting e Luis de Sousa da Académica. Utilizando um pronunciado sistema homem a homem, pareceu-nos a equipa de início como que a perturbava com este sistema de marcação. Os espanhóis aproveitaram para chegar a 3-0, e logo Fonte Santa respondeu com duas cestas, passando o resultado para 4-3 e equilibrando a partida. O bom princípio deste jogador em nada nos fazia crer que havia de sair pouco depois substituído com três faltas pessoais. Concordamos que Portugal haja perdido mais possibilidades na luta das tabelas, porquanto se conhece a categoria de Fonte Santa nos ressaltos. Fernando Vaz, estreitamente vigiado (este jogador é um excelente meia distância) não havia conseguido uma cesta e foi também substituído. Luis de Sousa e Ascenso mantinham uma luta heróica com os espanhóis nas tabelas e, devemos dizer, com plena igualdade. Almeida fazia marcação cerrada ao excelente jogador, já nosso conhecido Her-

andez. Ainda temos na retina os 30 pontos que este jogador marcou na primeira parte do jogo Sporting-Real Madrid, e foi também Almeida que no segundo tempo o anulou quase por completo.

Entraram depois Avelino do Atlético e Leite do Benfica e foi com duas cestas deste jogador que Portugal esteve pela última vez em vencedor, 18-15 e 20-17.

Então começou a prevalecer a superior condição física da Espanha e chegou-se ao intervalo com a diferença de 5 pontos a nosso desfavor.

Ao segundo tempo entraram Mexia, Serra e Moura da Académica de Coimbra. Elementos de boa execução mas demasiadamente frágeis para a luta dos ressaltos. Já era evidente o desgaste produzido nos jogadores portugueses. Mexia ainda conseguiu três cestas de belo efeito e não resistimos a desenvolver a jogada que antecedeu uma delas: bola recebida na posição do «pivot», finta admirável com magnífico trabalho de pés e lançamento perfeito com a mão esquerda. Excelente em técnica de execução. Continuava-se a notar a inépcia de Bernardo Leite, dos melhores lançadores portugueses, na meia distância e nos lances livres.

Chegou-se aos três minutos finais e entrou Arlindo do Vasco da Gama do Porto. Deste jogador só apontamos uma particularidade interessante: No curto espaço de tempo que esteve em acção cometeu quatro faltas pessoais. Não deixa de ser curioso.

Em resumo, Portugal fez um jogo pleno de valentia e com agradável movimentação mas faliu nos lançamentos.

Dos espanhóis concordamos no que dizem que jogaram abaixo das suas possibilidades.

Além da superioridade evidenciada a que já aludimos, foi maior a sua compenetração do jogo, naturalmente adquirida pelo maior «calo».

Luciano Mecho

Futebol de Beneficência

A favor dos sinistrados de Ferreira do Alentejo, realiza-se no dia de Carnaval, terça-feira, 14 do corrente, um Festival Desportivo no campo de jogos «Luís de Almeida Fidalgo», defrontando-se duas equipas de antigos futebolistas montijenses que, em diferentes épocas, não muito distantes, mostraram a sua actividade desportiva.

Apresentar-se-ão pela equipa dos velhos «ases» — André e Braço Forte; Palmelão, Cabrita, José Miranda, Borralho e «Marvila»; José Pinto, Augusto Pinto e Eduardo; Aleixo, Ricardo «Trinca», M. Carreira «Palpita», Manuel Jorge, Emídio Pinho «Rato», Raul Laíça e José Bordeira.

Os retirados da nossa geração alinham-se com: — Adriano e Manuel «Tralhão»; Domingos Pinto, Manuel Grade e António Júlio; José Lino, Manuel Louceiro, José

Afonso e Júlio Gregório; José Canarim, Américo Pinto, Luciano Oliveira, Virgílio Viegas e Valério Gaudêncio.

Além deste, haverá mais dois encontros; são eles: Júniores do Presente - «O Palmeiras» e Jogadores Seniores «casados» - Jogadores Seniores «solteiros».

O programa terá início às 14 horas e qualquer dos jogos terá a duração de uma hora.

De louvar o excelente espírito de camaradagem e solidariedade manifestado pelos briosos desportistas de ontem que não esqueceram o infortúnio com que foram atingidos os seus colegas de hoje.

A Comissão Organizadora espera a boa compreensão e acolhimento favorável do público montijense, para que ocorra no dia de Carnaval com a sua presença, a favor duma simpática iniciativa.

Concurso de Prognósticos

Mais uma vez o nosso Concurso proporcionou a um leitor de «A PROVINCIA» a oportunidade de obter 300\$00 em compras, o Sr. António José L. Pancadas Morador na Vila Dourado em MONTIJO ganhou esta semana, acertando em 10 resultados

Aproveite a oportunidade
Concorra enquanto é tempo

Premio desta semana **1.000\$00**

Para o concorrente que acerte em maior número de resultados (exceptuando todos os resultados).

300\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado.

E ainda mais 2 prémios
Ao concorrente que acerte em todos os resultados

Premio extra

Se fôr sócio do Ateneu Popular de Montijo terá mais o seguinte prémio: Uma viagem a Espanha em auto-carro, no próximo mês de Abril de 1956 (passaporte incluído).

Vamos pensando agora na 2.ª fase deste interessante concurso, pois que além de muitos e valiosos prémios poderão os concorrentes adquirir um Album com as fotografias de todos os futebolistas do Clube Desportivo de Montijo.

Corte a cabeça deste cupão e guarde-o

CUPÃO N.º 19

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

CORTE POR AQUI

Zona Norte		Zona Sul	
Boavista	Chaves	Portimon.	Arroios
Leixões	Leões	Portaleg.	Montijo
Espinho	Vianense	Elvas	Farense
Peniche	Tirsense	Coruchense	Oriental
Guimarães	Sanjoanense	Estoril	Beja
Salgueiros	Viseu	Olhanense	Montemor
Gil Vicente	U. Coimbra	Olivais	Juventude

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 19

Antiga loja do Silva Alfaiate

DL

J. C. Figueiredo Diniz

FANQUEIRO
RETROZEIRO
CAMISARIA
FATOS FEITOS

SEMPRE NOVIDADES

Rua Joaquim d'Almeida, 1-3

Rua Machado Santos, 2-4

Telef. 026221-MONTIJO

do Minho ao Guadiana

A Feira do Ribatejo

Os srs. drs. Abílio Tavares e Jacob Pinto Correia, respectivamente governador civil e presidente da Câmara Municipal de Santarém e Luís Barreiros Nunes, presidente da Comissão de Turismo e da comissão executiva da Feira do Ribatejo, avistaram-se na passada semana, com os srs. ministros das Obras Públicas, da Economia e do Interior e subsecretário de Estado da Agricultura, com quem conferenciaram sobre assuntos que se relacionam com a organização da mesma feira, que se realiza em Maio próximo, com a duração de quinze dias, e na qual se promoverá uma concentração económica de toda a província. Aqueles membros do Governo foram convidados a assistir ao acto inaugural, marcado para o dia 27 do referido mês em Santarém.

Tauromaquia

«Organizações Tauromáquicas de Aficionados» (OTA) enviou-nos o seu programa para a próxima época na Praça de Touros de Algés, onde conta apresentar este ano os mais discutidos valores da tauromaquia nacional e estrangeira, assim como as melhores ganadarias.

Assim, está aberta a marcação de lugares, sendo o primeiro espectáculo no próximo Domingo 12 com atrações carnavalescas e o segundo espectáculo no Domingo 25 de Março, inauguração oficial da temporada. Também para 31 de Maio anuncia já um cartel monstro.

Aldeia do Bispo

(PENAMACOR)

Engenheiros de Hidroeléctrica da Serra da Estrêla têm percorrido, ultimamente, esta povoação, em trabalho de ajustamento de plantas e revisão de projectos preliminares, há tempos elaborados, por efeito do plano de electrificação do concelho, no qual a Câmara Municipal de Penamacor incluiu para o ano corrente, a freguesia de Aldeia do Bispo.

A verba de 80 por cento investida pelo Estado, os 10 por cento da contribuição assegurada pela Câmara e os 10 por cento à conta do bairrismo nunca desmentido dos filhos de Aldeia do Bispo, garantiu a efectivação do importante melhoramento. Concorreu, poderosamente, para atenuar a quota com que o povo tem de subscrever-se, a oferta de dez mil escudos, que a generosidade da sr.^a D. Carlota Maria Elvas Soares de Pina Ferraz de Macedo e Ornelas, depositou nas mãos da comissão constituída pelos srs. coronel António José Martins Leitão, padre José Martins Gonçalves Pedro, professor José Martins Leitão e Domingos Borges de Campo, que foi dar-lhe conta da grande regalia de que iria usufruir Aldeia do Bispo, que a benemérita senhora se habituou a acarinhar como se fosse sua terra natal. Não é a primeira vez que esta terra lhe fica devendo o seu reconhecimento, e desde já ficou assente que na festa da inauguração da luz se descerre uma lápida a dar ao largo principal da freguesia o nome da benfeitora.

Tramagal

—A Sociedade Artística Tramagalense promoveu um jantar em honra do sr. Amadeu Horta que, durante 30 anos, foi regente da banda de musica, ensaiador dramático e dos ranchos folclóricos daquela colectividade. Durante o banquete que reuniu cerca de cem convivas, usaram da palavra, enaltecendo os méritos do homenageado, os srs. José de Jesus Manito, Presidente da direcção; Ventura Guerreiro, Afonso Campante José Manuel Cordeiro, Augusto Mineiro, Manuel Simplicio e o festejado, a quem foi oferecido um objecto de arte.

Organizado pela direcção escolar de Santarém, realizou-se no teatro Tramagalense, Lda, uma sessão educativa e cultural dentro do programa de propaganda da Campanha Nacional de Educação de Adultos, a que assistiram cerca de 400 pessoas. Antes da exibição de filmes culturais, usaram da palavra varios oradores que se referiram em termos de muito elogio á iniciativa da companhia.

Alcochete

Por iniciativa do rev. padre Francisco António Ferreira, pároco local e com a colaboração das senhoras da Conferência de S. Vicente de Paulo e da população do concelho, está a ser construída, na avenida D. Manuel I desta vila, uma moradia destinada a dar abrigo a uma das famílias mais numerosas e pobres do concelho. O terreno foi generosamente cedido pelo proprietário sr. dr. José Dias da Cruz.

Na Casa do Ribatejo

A Casa do Ribatejo organizou um programa de festas carnavalescas, a realizar de 11 a 14.

O referido programa é enriquecido com a estreia do Grupo Cénico da Casa do Ribatejo.

As marcações de cadeiras e de ceias podem ser feitas na Secretária, rua do Salitre, 136. 1.º, ou pelo telefone 661384.

Portalegre

—A Câmara Municipal deu já começo á construção de um novo colector de esgotos na avenida da Liberdade, que deverá evitar as frequentes inundações que por ocasião de temporais se registam naquela area. Logo que esta obra esteja concluída, proceder-se-á á pavimentação do Rossio, justificadamente necessária. A Camara resolveu, também abrir concurso para a aquisição duma camioneta fechada destinada á condução de carnes do matadouro para os talhantes e salsicheiros.

—Surgiu a ideia de se angariarem fundos para substituir as barracas existentes no extremo da cidade, para os lados do cemitério, onde vivem varias famílias extremamente pobres.

Tomou tal iniciativa, o bondoso assistente da Obra de S. Vicente de Paulo, sr. conego Anacleto Pires da Silva Martins, que através do semanário católico local «O Distrito de Partalegre», de que é director, e por meio de circulares, convidou a população a subscrever-se com donativos para que possa ser levada a bom fim a realização desta obra de tão elevado carácter social.

O Aprendiz de Ladrão

(Continuação da página 5)

aqui e acolá, certo embaraço no desenrolar dos propósitos, não maculam o conjunto, não diminuem o valor intrínseco da obra.

E se nos fosse permitido distinguir alguns dos contos deste volume, distinguiríamos o primeiro, que lhe deu o título, o que se intitula «Rosália», e o que se intitula «A criada Belmira», pela sua feitura e porque se adaptam melhor á faceta humanista a que me referi.

Antunes da Silva vai no caminho, vai no bom caminho.

Ele continua sendo «Alguém» como eu profetizara.

Nunca me arrependerei da efêmera intervenção que tive na sua carreira de escritor.

Eu recebi a intuição do futuro e não me enganei.

Esperemos a obra de maior fôlego que nos promete. Convenço-me de que em nada desmerecerá o meu juízo.

Os consagrados não começam melhor.

—Ilustrações de Manuel Ribeiro de Paiva, valorizadoras e artísticas.

—Edição da «Orion», bem cuidada e recomendável.

Alvaro Valente

Palavras Cruzadas

Solução do problema n.º 32

HORIZONVAIS: 1 — Gabarolas; 2 — Ar; rale. 3 — Basificar. 4 — Ta; ar. 5 — Voara. 6 — Arai; ia. 7 — Romaria. 8 — las; am. 9 — Ova; salga.

VERTICAIS: 1 — Gabinando. 2 — Ro; 3 — Bastiam. 4 — Aria; lai. 5 — Ras; 6 — Oriao; isa. 7 — Lacraia. 8 — Ala; ra; ag. 9 — Seria; ama.

Telefone 026 579

Dava boas Fotografias

Foto Montijense

Folhetim de «A Província»

N.º 42

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

O nosso pequeno almoço terminou em silêncio, e quando Lucille, se retirou para o quarto, aproximei-me da janela para olhar para o vale por onde um manto de neve, começava lentamente a deslizar, sobre os raios de sol. Mas meus olhos foram afastados para o caminho que vinha dar ao Castelo.

A silhueta de um homem avançava rapidamente em direcção á porta principal.

Era «Mister» Rouxburgh, e seu olhar estava fixo na janela.

* * *

Como o convidasse a des-

cançar e a tomar qualquer coisa, «Mister» Rouxburgh agradeceu pois já tinha tomado o pequeno almoço, mas aceitou de boa vontade uma chávena de café, depois da longa caminhada pela neve.

Veio para me dizer que a estrada de Blairavon estaria livre á tarde.

Um pastor, tinha comunicado que o degelo começava a fazer-se e a neve corria já para o vale.

—Mas os homens que trabalhavam dessobtrução das estradas não se dirigem para aqui vão primeiro para o sul, para a estrada de Montieih. Se pretende ir a

Blairavon, «Mister» Irvine seria bom descer á Hospedaria e pedir a Macgregor o seu velho Ford.

Agradei-lhe as boas novidades que me trazia. Interrompeu-me com um gesto.

—Sabia que estava impaciente por prevenir a policia e o mais depressa possível — disse — amavelmente — Já possui outros indícios?

— Sim, alguns dos quais bem importantes.

E contei-lhe tudo, quanto se tinha passado desde que nos tínhamos separado na Hospedaria. Tive o cuidado de não tocar em nada que se referisse ao pai de Lucille mas informei-o de que ela me tinha confiado todos os seus segredos.

—E agora?— perguntou, lançando-me um olhar malicioso — que pensa fazer?

—Aguardar os acontecimentos até á chegada da policia.

— Sim é o melhor — respondeu, passando a mão pelo bigode.

Reparei que os dedos da mão direita estavam ligados.

— Um acidente! disse, verificando o meu olhar — caí sobre uma pedra que me fez uma ferida profunda... Ah! Aqui a temos — acrescentou noutro tom, olhando a porta — julgo ser Miss Paradene.

Lucille, com efeito acabava de entrar e fiz a apresentação.

»Mister» Irvine acaba de me contar a vossa famosa aventura de esta noite — disse Rouxburgh. Há dois dias tinha-o aconselhado a abandonar esta casa e ir para a Hospedaria. Mas recusou. Agora estamos no fim. As estradas estão livres esta tarde, Miss Paradene, e ainda hoje a policia aqui estará.

Disse então a Rouxburgh

que tinha um pedido a fazer-lhe.

— Mão se importa de ficar em *Falcon Castle*, enquanto eu vou a Blairavon? Tenho receio de deixar aqui Lucille, sem outro guarda que o velho Dunstan.

—Da melhor vontade— alegrou-me Rouxburgh.

Sentia-me agora mais tranquilo.

Tomámos o almoço á hora do costume e aproveitei uma ocasião em que fiquei só com Lucille, para prometer que não diria á policia senão o indispensável.

Rouxburgh, voltou á casa de jantar e dei-lhe todas as indicações úteis.

—Confio Miss Paradene, do seu bom senso — disse-lhe — Dunstan informou-me que há no primeiro andar um armário com uma espingarda e cartuchos.

(Continua)

José António Moedas

APRESENTA



PASSA... ...TEMPO

A Efeméride da semana

Fez precisamente na última segunda-feira 23, um quarto de século que faleceu em Haia, com 49 anos de idade, Ana Pavlova, que foi em vida uma das mais famosas bailarinas de todos os tempos.

Nascida em S. Petersburgo em 1882; Ana Pavlova, possuía uma extraordinária vocação para a dança — única coisa no mundo que ela amou verdadeiramente. Interpretava com inconfundível beleza e perfeição danças das mais variadas latitudes.

Nas diversas «tournée» que fez por todo o Mundo, deixava sempre, onde quer que se apresentava, o perfume inebriante da sua maravilhosa arte.

Como quase todas as grandes bailarinas Ana tinha especial preferência pela interpretação de «A Morte do Cisne». Do seu amor por essa magestosa e estranha dança diz-nos a fase que ela pronunciou ao morrer: «Preparem-me o meu traje de Cisne».

Na verdade, nenhum traje seria mais indicado para a sua sepultura do que aquele que em vida lhe dera a maior glória.

Já lhe tinham dito...

- Que o falcão é das aves de rapina que tem melhor vista.
- Que o vidro dentro de água se corta facilmente com uma tesoura.
- Que os «icebergs» são de água doce.
- Que na China, o número 13 significa sorte.

Acerte, se estiver trocado

- Picasso — Poeta
- Molière — Químico
- Roosevelt — Astrónomo
- Nuno Gonçalves — Jornalista
- Bocage — Pintor
- Nobel — Governante
- Reinaldo Ferreira — Pintor
- Elio Kazan — Cineasta
- Jorge Amado — Escritor
- Copernico — Dramaturgo

1.º Centenário do nascimento de Mouzinho de Albuquerque

O Ministério do Ultramar não quiz deixar passar despercebida, filatelicamente, as homenagens que Portugal prestou a um grande português, Mouzinho de Albuquerque, que teve a sua principal acção em terras portuguesas de Moçambique.

Assim, resolveu mandar emitir e pôr em circulação, para a nossa província de Moçambique, uma série de dois selos, comemorativos daquele centenário.

Os selos que têm as dimensões de 35,1 x 26 milímetros foram impressos na Casa da Moeda. Reproduzem o selo da taxa de 1\$00, a effigie, em meio corpo, de Mouzinho, impresso a cinzento, preto e sépia; e o de 2\$50, a parte superior do monumento equestre ao referido Mouzinho de Albuquerque, que se encontra na cidade de Lourenço Marques, impresso a azul ultramarino, azul claro, verde bronze e terra cerna, sendo as suas tiragens de 250.000 exemplares para cada taxa.

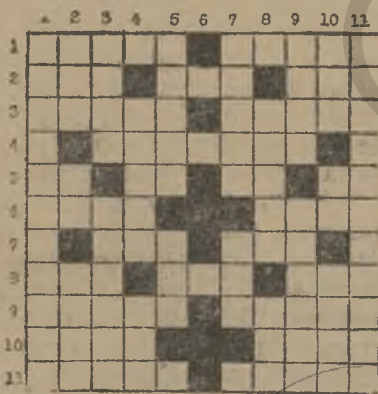
Mais uma vez vai a filatelia divulgar e perpetuar a figura dum grande português, graças ao Ministério do Ultramar.

No próximo número publicaremos esta secção com o original que por falta de espaço foi retirado.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 33

HORIZONTAIS: 1 — Matizar; formão para lavar meias canas côncavas. 2 — Pron. pessoal; onda; embarcação antiga. 3 — Cacto cujos frutos servem para combater a desinteria; buchas. 4 — Semelhante. 5 — Utensilio doméstico; abrev. de doutor; solitário; luar. 6 — Moeda italiana; antiga unidade monetária. 7 — Época; doença. 8 — Centena; acredita; nome de mulher. 9 — Encolerizado; banhar. 10 — Trecho musical para 3 vozes; traje para solenidades. 11 — Sítio privilegiado entre outros que o não são: ocasião.



VERTICAIS: 1 — Aprovação. 2 — Gavinha; nesse lugar; peça. 3 — Argumento; irresponsáveis; lutais. 4 — Caminhar; pequena ferida. 5 — Fazer girar; arma branca. 7 — animais domésticos; doçura (fig.). 8 — Neste momento; nome de letra. 9 — Antigo império existente na América; elogiar. 10 — Fútil; ruim; depressão entre dois montes. 11 — Ouviras a opinião de.

Veja na página 7 a solução do problema anterior

Responda, se souber

- 1 — De que raça era Stephan Zweig, celebrado autor de «Maria Antonieta».
- 2 — Como se chama a escultura, que foi a obra prima Miguel Angelo?
- 3 — Quem escreveu a célebre ópera Guarani?
- 4 — Quem é o autor do livro «Quando ao gavião cai a pena?»
- 5 — Em que ano morreu S. Francisco Xavier?
- 6 — Que é o Islamismo?
- 7 — Como se chama a ópera representada em Paris em 1865, que tem por primeiro personagem Vasco da Gama?
- 8 — Quem é o autor do romance «O Médico e o Monstro?»
- 9 — Quem proferiu a frase: «A verdadeira forma de ser enganado, é nos julgarmos mais espertos que os outros?»
- 10 — Qual foi o maior filósofo chinês?

Solução do número anterior

- 1 — Xenofonte.
- 2 — Um célebre compositor italiano.
- 3 — Século XV.
- 4 — Neptuno.
- 5 — Italiano.
- 6 — Marlon Brando.
- 7 — Lisboa.
- 8 — Os alemães.
- 9 — 34 anos.
- 10 — Manuet da Fonseca.

A Pergunta da Quinzena

Solução do número anterior
Resp.: 1793

Ria-se, se o entender

- Quantos corações temos nós? Inquire o professor ao aluno.
- Dois — respondeu este.
- Dois!?
- Sim, senhor. Um é o meu e o outro é o do Sr. Professor.

PRÉMIOS

Pelos promettimentos que já temos das principais casas filatélicas do nosso país cremos que os concorrentes do nosso Concurso serão bem recompensados com bom material filatélico, selos e catálogos, o que demonstra o interesse daqueles por todas as iniciativas filatélicas.

Informamos os nossos leitores que também é nosso desejo contribuir para o bom sucesso deste interessante concurso. Assim a um dos nossos concorrentes caberá um exemplar do Catálogo dos Centenários e Aniversários dos Primeiros Selos e Serviços Postais, de nossa autoria e editado por Eládio de Santos.

REGULAMENTO

Para satisfazer o desejo de alguns leitores e para facilitar quanto possível os concorrentes actuais e futuros, resolvemos alterar o prazo de entrega dos cupões com respostas, estabelecendo-se futuramente, o prazo de entrega de qualquer cupão, até 10 dias após a publicação do último número do Concurso.

CLASSIFICAÇÕES

Os concorrentes mais classificados cujos cupões deram entrada na nossa redacção até 31 de Janeiro passado:

- João Bernardo de Oliveira Peste,
- José Paulo da Nara e Silva e José Mário Branco.
- Todos com 30 pontos.

N.º 1

Incógnita!

Uma Produção
Quinzenal de
«HOLMES &
MASON»

Correspondência
INCÓGNITA

Redacção de
«A PROVINCIA»

— ABERTURA —

Liberta, enfim, de umas quantas «calúnias» que tentavam desmerecê-la, a matéria policiária tomou grande incremento nos últimos tempos, mercê do seu real poder sugestivo e, quer em literatura especial, quer em jornais ou magazines, assumiu inclusão quase obrigatória, correspondendo ao interesse e predilecção do público leitor.

Vai «A Província» inserir uma secção no género, cabendo aos leitores a quota principal no emprehendimento. «INCÓGNITA» aparece: e para não desaparecer... precisa o interesse e o auxílio de todos eles. E o que pede e o que espere.

Meia dúzia de repórteres galgaram a escada e entraram no escritório do banqueiro.

— Isto não é justo, Inspector. Há quase uma hora que estamos à espera!

— Vocês bem sabem que se assim foi... é porque assim teve de ser.

A resposta de Costa Fidalgo calou logo outros queixumes. E que para ele a gente dos jornais era «rapaziada amiga»; e os jornalistas respeitavam-no... por ser «amigo da rapaziada». Se ele o dizia, é porque tivera de ser assim.

— Agora, meus senhores, já estou às ordens da imprensa.

(«Do Diário Popular» de 21/XII).

Banqueiro Assassinado

Abel Barradas foi morto em condições que a Judiciária procura esclarecer.

Cerca das 10 horas de hoje, o conhecido banqueiro Abel Barradas foi encontrado morto na sua residência em circunstâncias que levaram desde logo à convicção de ter sido assassinado.

À hora do nosso jornal circular ainda não é conhecido o resultado da autópsia; mas o inspector Costa Fidalgo, a quem foi entregue a orientação das investigações, declarou-nos que o corpo, examinado sumariamente, mostrava estar sem vida havia pelo menos 9 horas, pelo que a morte se teria dado por volta da 1 de hoje.

— Dá-me licença, Senhor Inspector?

Sentado à secretária, Costa Fidalgo viu entrar o Chefe de Brigada Valério.

— Venho da Rua das Flores. Não tenho dúvidas sobre o suicídio.

— Então é caso arrumado, Valério. Mas há aqui já outro...

— Bem sei — o do banqueiro. Li no jornal.

— É esse, sim. Mas entretanto a viúva foi detida. Assim que aqui chegou fizeram-se-lhe perguntas. Respondeu como consta desse auto. É melhor você lê-lo.

E Valério leu: Aos vinte e um de Novembro de mil novecentos e cinquenta e cinco, nesta cidade de

Lisboa e na Policia Judiciária... aqui compareceu sob custódia, a arguida Maria Ester de Matos Barradas, viúva de quarenta e dois anos de idade, doméstica...

... à culpa respondeu: — Que hoje, cerca das onze horas, entrando no restaurante «Três Coroas», desta cidade, para almoçar, ali encontrou uma pessoa

amiga, cujo nome prefere não revelar, que estranhando vê-la no local, lhe perguntou se não estava ao corrente da morte do marido. Ante a completa ignorância da respondente, essa mesma pessoa mostrou-lhe um jornal onde então leu o trágico fim de Abel Barradas. Não obstante estar, há quase três anos, separada de facto dele, entendeu que devia ir ver o morto; e imediatamente alugou um taxi dirigindo-se à sua antiga residência. Não querendo dar nas vistas, apeou-se antes de lá chegar e quiz entrar na casa pela porta das trazeiras. Foi nessa altura que um agente desta Policia a deteve, trazendo-a directamente para aqui. Esclarece que foi hoje a primeira vez que entrou no aludido restaurante; que nunca, apesar da separação, se desfez da chave da dita porta; e que não fixou o mínimo pormenor relativo ao táxi que utilizou nem sequer quanto ao respectivo motorista. Mais não respondeu.

— Há aí verdades e mentiras, Valério. De facto, às 14.20, ela quiz entrar na casa, como diz. Mas para quê?... Vá interrogá-la outra vez. Se a conseguir convencer a dizer-nos, *sem mentir*, como soube da morte do marido, o resto será fácil.

PERGUNTA-SE:

Porque não aceitou Costa Fidalgo como verdadeira a versão da viúva do banqueiro sobre a maneira como soubera da morte do marido?

As respostas devem ser enviadas à nossa Redacção até 5.ª-feira próxima.

Ao melhor solucionista será oferecido um bom livro policial.

1.º Concurso Filatélico de «A Província» CUPÃO N.º 2

- 1.ª
- 2.ª
- 3.ª

NOME

MORADA



Secção dirigida por
JORGE PEREIRA

1.º Concurso Filatélico de
«A Província»
N.º 2



- 1.ª — A que país pertence este selo?
- 2.ª — Em que ano foi emitido?
- 3.ª — Qual o seu número no Catálogo Yvert (1956)?